

***O ESPELHO (MACHADO DE ASSIS, 1882) NA METAFICÇÃO DOM  
CASMURRO (1900) – AS MÁSCARAS DE CAPITU E A INSEGURANÇA DE  
BENTO SANTIAGO***

***O ESPELHO (MACHADO DE ASSIS, 1882) IN THE METAFICTION DOM  
CASMURRO (1900) – CAPITU’S MASKS AND BENTO SANTIAGO’S  
INSECURITY***

**José Eduardo Fonseca Brandão<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo consiste no esforço de, primeiramente, pensar a sociedade metaficcional carioca imperial da segunda metade do século XIX, representada por Machado de Assis, assim é possível elaborar hipóteses sobre como um homem e como uma mulher deveriam interagir socialmente para alcançar sucesso social. Realizado esse esforço, as máscaras sociais podem ser visualizadas e examinadas. Utilizando a metáfora dos olhos como espelho da alma, a filosofia contida no conto Machadiano *O espelho* (1882) e divagando sobre a beleza e a complexidade dos palíndromos e a problemática do Efeito Troxler, realiza-se a provocação sobre o que Bento Santiago teria visto nos olhos de Capitu. Teria ele capturado um sentimento real refletido nos olhos de Capitu, obtendo uma dúvida justificável? Seria razoável desconfiar da paternidade do seu suposto filho tendo em vista a semelhança física e psicológica que este possuía com o finado Escobar?

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Literatura Brasileira; Metaficção historiográfica; Sociedade brasileira.

**Abstract:** This article consists of an effort to first think about the metafictional society of imperial Rio de Janeiro in the second half of the nineteenth century, represented by Machado de Assis, so it is possible to elaborate hypotheses about how a man and a woman should interact socially to achieve social success. Once this effort has been made, the social masks can be viewed and examined. Using the metaphor of the eyes as a mirror of the soul, the philosophy contained in the tale *O espelho* (1882) by Machado de Assis and rambling on the beauty and complexity of palindromes and on the troxler effect problem, a provocation is made about what Bento Santiago saw in Capitu’s eyes. Had he seen a real feeling reflected in Capitu’s eyes, obtaining a justifiable doubt? Would it be reasonable to have doubts about the paternity of his alleged son according to the physical and psychic similarity he had with the late Escobar?

**Keywords:** Machado de Assis; Brazilian Literature; Historiographic Metafiction, Brazilian society.

### ***INTRODUÇÃO***

Os olhos. Na obra Machadiana, eles ocupam um importantíssimo espaço lógico. Olhos que não apenas servem para observar, mas para serem contemplados examinados, pois são olhos que comunicam e que podem, até mesmo, cometer “crimes”. Que o diga a fictícia Lucinda, personagem inventada do finado Damasceno Rodrigues, ex-vizinho

---

<sup>1</sup> Apresentação. e-mail do autor: . Orcid: .

do Desembargador Cruz, personagem do conto *Sem Olhos* (MACHADO DE ASSIS, 1876-1877).

[...] Alli chegando... vi... oh! é horrivel! vi, sobre uma cama o corpo immovel de Lucinda, que gemia de modo a cortar o coração. Vê, disse elle, - só lhe castiguei os olhos. [...] Os olhos da pobre moça tinham desaparecido; elle os vasára, na vespera com um ferro em braza... Recuei esvaporido. O medico apertou-me os pulsos clamando com toda a raiva concentrada em seu coração : “Os olhos delinquiram, os olhos pagáram!”. (MACHADO DE ASSIS, 1877, p.46-47).

O presente artigo adota como procedimento a promoção de um diálogo intertextual provocativo entre *Dom Casmurro* (1900) e *O espelho* (1882), do escritor brasileiro Machado de Assis. Sabendo da conexão que existe entre os textos do escritor, a ideia é explorar a questão das máscaras sociais em *Dom Casmurro* a partir de chaves de interpretação da obra Machadiana deixadas em *O espelho*. Para tal tarefa, a personagem Capitu se mostra ideal, pois demonstra uma avançada habilidade de adaptação social. Para cada situação, ela é capaz de adaptar sua postura e sua linguagem, interagindo de acordo a salvaguardar seus interesses. E como a medida de qualquer coisa é a comparação, o seu par romântico, Bento Santiago, é um personagem bastante razoável para ser trabalhado em conjunto a Capitu. Dois fatores justificam o motivo da escolha por Bento Santiago: 1) A história de Capitu que se conhece não é a história contada por outra pessoa senão por Bento Santiago; e 2) Amando Capitu de forma tão duradoura, convivendo com ela desde a infância, sendo o melhor amigo dela e, posteriormente, seu marido, Bento Santiago é, provavelmente, quem melhor conheceu a jovem com olhos de “cigana obliqua e dissimulada” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.74).

Muitos desqualificam o relato de Bento Santiago devido aos seus ciúmes, à sua instabilidade e ao próprio fato de ser uma fala de reminiscências, mas isso é tremendamente injusto.

Se o que Bento Santiago narrou é verdade ou não, isso não interessa ou Machado de Assis teria respondido essa questão. Primeiramente, é preciso entender que a verdade não pode ser alcançada senão ouvindo todas as partes envolvidas nos eventos e analisando as provas. No entanto, a dúvida e o rancor de Bento Santiago são verossímeis. Pensemos: Se um casal tem um filho, é natural que ele se pareça com o pai, ou com a mãe, ou com algum ascendente; mas o filho é parecido com o amigo?

Assim sendo, tomando a narrativa de Bento Santiago e o conto *O espelho* (1882), o presente artigo se destina a elaborar hipóteses a respeito da questão das

máscaras sociais e como os olhos, espelhos da alma, podem revelar o que um personagem esconde em sua intimidade, de acordo com o universo Machadiano.

### ***O TEMPO DA NARRATIVA E O CONTEXTO HISTÓRICO***

Para escrever sobre sociedade e como os indivíduos interagem entre si na dinâmica social, primeiramente é preciso delimitar o tempo e o espaço da narrativa.

A Literatura Machadiana funciona de modo que lembra o mitológico Deus Romano Jano, *Ianus*. Duas faces na mesma cabeça, uma face olhando para trás e outra face olhando para frente. *Dom Casmurro*, romance publicado em 1900, traz a história relatada por Bento Santiago, que em sua velhice resolve escrever um livro, deitando “ao papel as reminiscências” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.6) que vem a sua mente. Este homem, cuja vida se aproxima do final, deseja “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.4).

As reminiscências de Bento Santiago têm por início uma tarde de novembro de 1857, quando Bento Santiago estava com quinze anos de idade e o agregado da casa, José Dias, conversa com Dona Glória, mãe de Bento Santiago, sobre a promessa de matricular o filho no seminário. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.7-10).

[...] A casa era a da rua de Matacavallos, o mez Novembro, o anno é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas á minha vida só para agradar ás pessoas que não amam historias velhas; o anno era de 1857. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.7).

Assim, tal como *Ianus*, que contempla o passado ao mesmo tempo em que observa o presente, Machado de Assis, em 1900 publica uma história que se passa predominantemente nas décadas de 1850, 1860, 1870 e 1880. O espaço onde a narrativa ocorre é o Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, antiga Rua de Matacavallos, atualmente chamada de Rua Riachuelo, dentre outras localizações reais abordadas na narrativa.

Um Brasil de economia agrária, modo de produção escravista, diferenças sociais e pouca mobilidade social. Eram poucas as possibilidades de ascensão social nessa sociedade.

Bento Santiago pertencia a uma família privilegiadíssima. Embora não fosse uma família detentora de influência a ponto de interferir na política do Rio de Janeiro, de Itaguaí ou do Brasil, ainda assim era uma família de muitas propriedades que, por si só, rendem uma pequena fortuna mensal a Dona Glória.

Fiquei pasmado. Considera que eram não menos de nove casas, e que os alugueis variavam de uma para outra, indo de 70\$000 a 180\$000. Pois tudo isto em que eu gastaria tres ou quatro minutos, - e havia de

ser no papel, - fel-o Escobar de cór, brincando. Olhava-me triunfantemente, e perguntava se não era exacto. Eu, só por lhe mostrar que sim, tirei do bolso o papelinho que levava com a somma total, e mostrei-lh'o; era aquillo mesmo, nem um erro: 1:070\$000. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.268).

Para que se tenha uma breve noção dos números envolvidos na passagem acima. 70\$000 representa setenta mil réis e equivalia ao ordenado de um trabalhador experiente e destacado como, por exemplo, o personagem Jeronymo de *O Cortiço* (AZEVEDO, 1900, p.60-71). A família de Bento Santiago, somente a título de alugueis de casas, mensalmente, levantava mais de um conto de réis, catorze vezes o ordenado de um trabalhador experiente e bem remunerado. E ainda possuía escravos alugados (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.276).

Nessa sociedade agrária, escravista e de pouca mobilidade social, nasce e se desenvolve a relação entre Bento Santiago e Capitu. Ela, apesar de vizinha de Bento Santiago, não era de uma família rica. Seu pai era um humilde funcionário público, que conseguiu comprar a residência em que mora devido a um prêmio da loteria:

Padua era empregado em repartição dependente do ministerio da guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata. Demais, a casa em que morava, assobradada como a nossa, posto que menor, era propriedade delle. Comprou-a com a sorte grande que lhe saiu n'um meio bilhete de loteria, dez contos de reis. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.46).

Se a mobilidade social era bastante limitada, mais diminutas ainda eram as hipóteses de ascensão para uma mulher, que precisava de um bom casamento para conseguir desfrutar de conforto, segurança e gozar plenamente do que a sociedade poderia oferecer de melhor.

### ***ECONOMIA, MODO DE PRODUÇÃO E COSTUMES***

A economia predominantemente rural e escravista produzia reflexos no modo de vida das pessoas. O ambiente rural remete ao tradicionalismo, aos valores cristãos, à família liderada pelo homem e à mulher dona da casa. Essa estrutura pode ser observada, analisando brevemente a dinâmica do casal Bento Santiago e Capitu, como também analisando a casa de Escobar e Sancha.

O que essa sociedade requer de uma mulher é que ela seja capaz de desempenhar o papel de esposa, dona do lar e cuidadora das crianças e do marido - Essa é a regra. Apesar de haver comércio - inclusive Escobar se tornou um comerciante (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.279-280) - o poder econômico continua expresso através da propriedade de terras, imóveis em geral e escravos. As maiores chances de uma mulher usufruir dos melhores recursos dessa sociedade estavam em bons casamentos.

## ***AS MÁSCARAS DE CAPITU E A INGENUIDADE DE BENTO SANTIAGO***

Em *Dom Casmurro*, Capitu é, provavelmente, a personagem com maiores habilidades sociais. Desde menina, ela parece compreender que, não podendo obter o que deseja pela imposição, precisa manipular os sentimentos e as ações das pessoas, mediante seu comportamento dissimulado e seu controle emocional, vencendo possíveis resistências e convencendo, sutilmente, os outros a lhe darem o que ela deseja. Como diria José Dias: Capitu, menina com olhos de “cigana oblíqua e dissimulada” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.74).

Autocontrole emocional, planejamento com metas e execução perfeita: Esse é o procedimento de Capitu. Um exemplo de sua meticulosidade pode ser verificado no procedimento adotado para manipular o menino apaixonado, Bento Santiago. Ela não apenas pede que Bento Santiago lhe conte os fatos, mas sempre insiste para que o inocente Bento repita, para que ela possa analisar palavra por palavra, gesto por gesto, e, assim, decidir como interagir com ele:

Capitú quis que lhe repetisse as respostas todas do agregado, as alterações do gesto e até a pirueta, que apenas lhe contára. Pedia o som das palavras. Era minuciosa e atenta; a narração e o dialogo, tudo parecia remoer consigo. Também se póde dizer que conferia, rotulava e pregava na memoria a minha exposição. Esta imagem é por ventura melhor que a outra, mas a optima dellas é nenhuma. Capitú era Capitú, isto é, uma creatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, ahí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem inculcar na alma do leitor, á força de repetição. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.91-92).

“Mais mulher do que eu era homem” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.92). Essa afirmação não é uma referência direta, somente, ao lado físico, mas, certamente, ao uso da capacidade cognitiva para desempenhar um papel social com sucesso. Assim, Capitu já se mostrava, desde criança, plenamente capaz de conseguir o que desejava, tal como uma mulher adulta e consciente.

O narrador de *Dom Casmurro*, Bento Santiago, ao contrário de Capitu, é totalmente ingênuo e não consegue agir de outra maneira que não seja de acordo com o que seu lado emocional ordena:

Nem sobressalto nem nada, nenhum ar de mysterio da parte de Capitú; voltou-se para mim, e disse-me que levasse lembranças a minha mãe e a prima Justina, e que até breve; estendeu-me a mão e enfiou pelo corredor. Todas as minhas invejas foram com ella. Como era possível que Capitú se governasse tão facilmente e eu não? (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.240).

Esse comportamento muito emocional de Bento Santiago o segue até que o seu coração começa a se envenenar com a possibilidade de que sua esposa e seu melhor

amigo, talvez, poderiam haver se aventurado em um caso extraconjugal, gerando, inclusive, um filho.

Grande parte da ingenuidade de Bento Santiago pode ser observada pelo próprio relato dele; Garoto criado sem um exemplo masculino, sem um pai, sem um irmão mais velho, sem amigos mais velhos – na verdade, Bento Santiago foi criado para ser padre e, aparentemente, seu pai morreu achando que ele era uma menina:

Os projectos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, promettendo, se fosse varão, mettel-o na igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pae, nem antes, nem depois de me dar á luz; contava fazel-o quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viuva, sentiu o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares. Unicamente, para que nos separassem o mais tarde possivel, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquelle padre Cabral, velho amigo do tio Cosme, que ia lá jogar ás noites. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.30-31).

A sua emotividade em excesso e sua paixão descontrolada por Capitu o levavam a um estado de esvaziamento tal que a mera possibilidade de perda do objeto amado, já o colocava em estado de angústia, que era externado na forma de ciúmes doentios.

Estou que empallideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A noticia de que ella vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquelle effeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. [...] Estive quasi a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capítu, o que é que ella fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciume [...] (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.185-186).

Quando um homem teme perder uma mulher, muito provavelmente, ele já a perdeu. E, ao final da história, Bento Santiago conta ao leitor o seguinte trecho bíblico: “Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ella não se metta a enganar-te com a malicia que aprender de ti” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.398).

Por conta dessa ausência de figura paterna e devido ao fato de ter sido criado para ser padre em vez de ser criado para conhecer uma mulher e se casar, o jovem Bento Santiago não possuía a experiência de mundo necessária para desempenhar o papel social de um homem na sociedade de sua época. Essa realidade mudou um pouco graças à amizade com Escobar, que por sua natureza de comerciante, era um personagem dotado de habilidades sociais mais desenvolvidas.

Capitu, por outro lado, com seu autocontrole emocional, consegue conduzir o interesse de Bento Santiago, mantendo-o enfeitiçado. Ela ainda logra sucesso em

viabilizar o seu casamento com o jovem promissor, convencendo Dona Glória de que ela poderia ser uma boa esposa para seu filho e de que Bento Santiago não deveria seguir carreira de padre. Pouco a pouco, ela foi eliminando qualquer resistência que pudesse vir da parte dos outros membros da casa de Bento Santiago.

- Com D. Gloria e D. Justina mostro-me naturalmente alegre, para que não pareça que a denuncia de José Dias é verdadeira. Se parecesse, ellas tratariam de separar-nos mais, e talvez acabassem não me recebendo... Para mim, basta o nosso juramento de que nos havemos de casar um com outro.

Era isto mesmo; devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo gosar toda a liberdade anterior, e construir tranquilos o nosso futuro. [...] (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.194).

A trajetória da jovem para viabilizar o casamento com Bento Santiago ilustra toda a habilidade social dela. Capitu consegue se infiltrar na casa de Bento Santiago, frequentar a companhia de sua mãe, escondendo o seu desejo pelo filho e convencendo uma cristã fervorosa, que acreditava estar cumprindo uma promessa divina, a rever o juramento feito e aceitar a saída do filho do seminário sem que ele se ordenasse padre.

### ***O PALÍNDROMO***

Palíndromo significa “frase, ou palavra que, lida da esquerda para a direita, ou vice-versa, tem o mesmo sentido” (FERREIRA, 2010, p.558). Tal como Capitu que “era mulher por dentro o por fóra, mulher á direita e á esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até a cabeça” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.241).

Sofrendo de ciúmes, por José Dias ter relatado que Capitu andava alegre pela vizinhança, o jovem seminarista, Bento Santiago, em sua ansiedade, tem um sonho deveras provocador a respeito dos palíndromos:

Quanto ao sonho foi isto. Como estivesse a espiar os peraltas da visinhança, vi um destes que conversava com a minha amiga ao pé da janela. Corri ao lugar, elle fugiu; avancei para Capitú, mas não estava só, tinha o pae ao pé de si, enxugando os olhos e mirando um triste bilhete de loteria. Não me parecendo isto claro, ia pedir a explicação, quando elle de si mesmo a deu; o peralta fôra levar-lhe a lista dos premios da loteria, e o bilhete saira branco. Tinha o numero 4004. Disse-me que esta symetria de algarismos era mysteriosa e bella, e provavelmente andára mal; era impossivel que não devesse ter a sorte grande.[...] (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.188-189).

A simetria, característica dos palíndromos, é a marca da beleza desde os tempos clássicos. Basta ver as esculturas da Grécia clássica, ou de Roma. Era belo quem era simétrico.

Em seu sonho, Bento Santiago parece trazer outra informação a respeito dos palíndromos: Quando na loteria da vida, o palíndromo ocorre naturalmente, provavelmente não haverá mais sorte grande, pois a sorte já foi gasta em achar esse

objeto belo e misterioso. A sorte de Bento Santiago foi ter encontrado Capitu na loteria da vida, porém, será que sorte maior viria depois disso?

### ***OS OLHOS – ESPELHOS DA ALMA***

Existe um fenômeno óptico estudado por Ignaz Paul Vital Troxler conhecido como *Troxler's fading* ou Efeito Troxler ou Decaimento de Troxler. Esse fenômeno óptico acontece quando um sujeito se põe a olhar um ponto fixo por muito tempo: a imagem do objeto, observado fixamente, é estabilizada enquanto que os mais sutis e involuntários movimentos realizados pelos olhos, mesmo quando fixados em um ponto, fazem com que o que está no campo periférico perca a cor e a forma.

É possível observar esse fenômeno ao colocar-se de frente para um espelho com o olhar fixo no nariz, pouco a pouco um estranhamento acontecerá e o sujeito diante do espelho nem mais se reconhecerá, ou, pior, perguntará que monstro é esse no espelho.

Em *O espelho* (MACHADO DE ASSIS, 1882), o personagem Jacobina conta uma longa história para seus companheiros. Tinha 25 anos, era pobre, mas havia acabado de ser nomeado alferes da guarda nacional. O seu ponto nessa anedota é mostrar que uma pessoa não possui uma só alma, mas duas. (MACHADO DE ASSIS, 1882, p.244-245).

- Nada menos de duas almas. Cada creatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fóra, outra que olha de fóra para dentro... Espantem-se á vontade; podem ficar de bocca aberta, dar de hombros, tudo; não admitto replicada. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior póde ser um espirito, um fluido, um homem, muitos homens, um objecto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; [...] Está claro que o officio dessa segunda alma é transmittir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metaphysicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existencia inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquelle judeu eram os seus ducados; perdel-os equivalia a morrer. «Nunca mais verei o meu ouro, diz elle a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração*». Vejam bem esta phrase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para elle. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma... (MACHADO DE ASSIS, 1882, p.243-244).

O Jacobina, antes um rapaz pobre e simples, passou a ser visto e tratado socialmente de uma maneira diferente depois de nomeado alferes da Guarda Real. Ele mesmo já não se sentia o homem de antigamente:

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse á outra; ficou-me uma parte minima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era d'antes o sol, o ar, o campo, os olhos das

moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortezia e os rapapés da casa, tudo o que fallava do posto, nada do que me fallava do homem. A única parte do cidadão que ficou commigo foi aquella que entendia com o exercicio da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não? (MACHADO DE ASSIS, 1882, p.248).

Quando deixado sozinho em casa, com um velho espelho que havia vindo junto com a corte de D. João VI (MACHADO DE ASSIS, 1882, p.247), o Jacobina resolveu se colocar diante do espelho:

- Vão ouvir cousa peor. Convém dizer-lhes que desde que ficára só, não olhára uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, n'aquella casa solitaria; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradicção humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O proprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nitida e inteira, mas vaga, esfumada, diffusa, sombra de sombra. A realidade das leis phisicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; attribui o phenomeno á excitação nervosa em que andava; receiei ficar mais tempo, e enlouquecer. [...] (MACHADO DE ASSIS, 1882, p.254-255)

Olhando para o espelho, o Jacobina não se reconhecia, pois não via a pessoa que era tratada socialmente pelos outros no exercicio da patente de Alferes da Guarda Real. O espelho provavelmente mostrava apenas o velho Jacobina, pobre e simples que gostava de contemplar o sol, o ar, o campo e os olhos das moças. Então, ele teve a ideia de vestir sua farda de Alferes e ficar de frente para o espelho:

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, apromptei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, emfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sitio, dispersa e fugida com os escravos, eil-a recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco emerge de um lethargo [...] Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um automato, era um ente animado. D'ahi em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, tres horas, despia-me outra vez. Com este regimen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir... (MACHADO DE ASSIS, 1882, p.256-257)

Se os olhos são o espelho da alma e podem refletir a alma interior, aquela que oculta o que poderia não ser aceito socialmente, será que Bento Santiago viu nos olhos de Capitu essa alma interna enquanto ela encarava o defunto de Escobar?

[...] A confusão era geral. No meio della, Capitú olhou alguns instantes para o cadaver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lagrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as della; Capitú enxugou-as depressa, olhando o furto para a gente que estava na sala. Redobrou de caricias para a amiga, e quis leval-a; mas o cadaver parece que a retinha tambem. Momento houve em que os olhos de Capitú fitaram o defuncto, quaes os da viuva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quizesse tragar também o nadador da manhã. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.343)

Os olhos de Capitu denunciavam um sentimento oculto? Seria desejo pelo defunto? Ou seria a tristeza pela morte do pai biológico do seu filho?

Essas questões, Machado não responde, afinal, é bom para uma ficção que algumas questões não sejam contadas pelo escritor, assim elas podem continuar no interior da mente dos leitores, estimulando a imaginação e o diálogo.

Todavia, refletindo sobre a Capitu adulta, que Bento Santiago desconfiava ser adúltera, e a Capitu criança, por quem se enamorou, o narrador reflete sobre a possibilidade de uma já estar contida na outra:

[...] O resto é saber se a Capitú da praia da Gloria já estava dentro da de Matacavallos, ou se esta foi mudada naquella por effeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciumes, dir-me-hia, como no seu cap. IX, vers. 1: « Não tenha ciumes de tua mulher para que ella não se metta a enganar-te com a malicia que apprender de ti. » Mas eu creio que não, e tu concordarás commigo; se te lembras bem da Capitú menina, has de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.398)

### ***TRAIU?***

Em primeiro lugar, cabe lembrar a ponderação feita no início do artigo: Existe apenas a versão dos eventos narrada por Bento Santiago; não existe contraditório nem provas a analisar, logo não é possível determinar se Capitu traiu ou não, já que essa questão foi deixada sem resposta pelo próprio Machado de Assis.

Todavia, ainda que o relato de Bento Santiago seja constituído de reminiscências, traumas, memórias voluntárias e involuntárias, sem filtrar os momentos de vergonha, ainda assim, a narrativa de Bento Santiago merece ser ouvida, tal como a vítima que possui o direito de relatar o que lhe ocorreu.

Convém lembrar que Capitu tinha “olhos de ressaca” (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.97). Ressaca é como se chama o fenômeno natural no qual, rápida e violentamente, as ondas se formam no litoral, provocando uma elevação do nível do mar.

[...] Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estylo, o que elles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquella feição nova. Traziam não sei

que fluido misterioso e energico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me ás outras partes visinhas, ás orelhas, aos braços, aos cabellos espalhados pelos hombros; mas tão depressa buscava as pupillas, a onda que saia dellas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. [...] (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.97)

Se muitos se sentem amedrontados com o fenômeno natural da ressaca, Escobar não. Ele, pelo contrário, gosta de nadar durante a ressaca, pois se sente desafiado.

- O mar amanhã está de desafiar a gente, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim.

- Você entra no mar amanhã?

- Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. – Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, - disse elle batendo no peito, e estes braços ; apalpa. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.334)

Se Escobar e Capitu tiveram um caso extraconjugal, essa é uma questão que Machado de Assis deixou sem resposta. Tudo o que se pode explorar são vestígios contidos na narrativa. Ainda assim, a questão do adultério repercute muito no Brasil mesmo nos dias atuais, por ser um país cujos valores são cristãos, mas o costume social é mais aberto à prática do sexo casual: valores contidos em polos opostos que, inevitavelmente, chocam-se.

Também é necessário ponderar que, por vezes, a personalidade ciumenta projeta no outro aquilo que o próprio ciumento gostaria de fazer. No momento da morte de Escobar e do início da desconfiança de Bento Santiago, a esposa de Escobar havia acabado de se mostrar bastante convidativa a Bento Santiago. Talvez nesse ponto da narrativa, o jovem adulto Bento, criado para ser padre, começou a conhecer o adultério, ainda que apenas tenha se colocado a refletir sobre e, não, a praticar.

Dalli mesmo busquei os olhos de Sancha, ao pé do piano; encontrei-os em caminho. Pararam os quatro e ficaram deante uns dos outros, uns esperando que os outros passassem, mas nenhuns passavam. Tal se dá na rua entre dous teimosos. A cautela desligou-nos: eu tornei a voltar-me para fóra. E assim posto entrei a cavar na memoria se alguma vez olhára para ella com a mesma expressão, e fiquei incerto. Tive uma certeza só, é que um dia pensei nella, como se pensa na bella desconhecida que passa; mas então dar-se-hia que ella adivinhando... Talvez o simples pensamento me transluzisse cá fóra, e ella me fugisse outr'ora irritada ou acanchada, e agora por um movimento invencivel... Invencivel; esta palavra foi como uma benção de padre á missa, que a gente recebe e repete em si mesma. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.333-334)

Logo em seguida a essa cena, Escobar convida Bento Santiago a nadar na ressaca e a sentir-lhe os braços fortes capazes de nadar na ressaca.

Apalpei-lhe os braços, como se fossem os de Sancha. Custa-me esta confissão, mas não posso supprimit-a; era jarretar a verdade. Nem só

os apalpei com essa ideia, mas ainda senti outra cousa; achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; accresce que sabiam nadar. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.334)

Por vezes a personalidade ciumenta projeta no outro o que desejaria fazer. Bento Santiago tanto sentia encanto pelos braços de Capitu (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.295-297), quanto pelos de Sancha, e também pelos braços de Escobar.

Se os ciúmes de Bento Santiago são legítimos ou não, o certo é que essa desconfiança quanto à sua esposa e seu melhor amigo apenas teve início na ocasião do funeral de Escobar. Posteriormente a desconfiança cresceu proporcionalmente ao crescimento do filho, que se parecia cada vez mais com o amigo falecido.

No século XIX não havia exame de DNA para poder descobrir a paternidade de uma criança. O costume da época para determinar se um filho seria, biologicamente, de alguém era examinar-lhe a aparência, os gestos, a maneira de falar e a capacidade cognitiva. E todos esses elementos apontavam para Escobar:

[...]Conheceu-me pelos retratos e correu para mim. Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e joven companheiro do seminario de S. José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo, e, salvo as côres, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. Trajava á moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. Era o proprio, o exacto, o verdadeiro Escobar. Era o meu comborço; era o filho de seu pae. Vestia de luto pela mãe; eu também estava de preto. Sentámo-nos. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p.390)

Se um casal tem um filho ou uma filha, é natural que a criança se pareça com algum dos pais ou com algum ascendente, mas parecer com um amigo? E adquirir não apenas suas feições, mas também seu raciocínio e modos?

Estendeu o copo ao vinho que eu lhe offerencia, bebeu um gole, e continuou a comer. Escobar comia assim tambem, com a cara mettida no prato. Contou-me a vida na Europa, os estudos, particularmente os de archeologia, que era a sua paixão. Falava da antiguidade com amor, contava o Egypto e os seus milhares de seculos, sem se perder nos algarismos; tinha a cabeça arithmetica do pae. [...](MACHADO DE ASSIS, 1900, p.391)

### **CONCLUSÃO**

Neste artigo, foi realizada uma breve análise sobre a sociedade do Rio de Janeiro, município da corte, que Machado de Assis buscou representar em sua metaficção, *Dom Casmurro*. Foi possível fazer considerações sobre a sociedade de acordo com a época em que a história é narrada (décadas de 1850 a 1880, predominantemente) e o modo de produção do Brasil (economia predominantemente agrícola e modo de produção bastante dependente do trabalho dos escravizados. que, inclusive, aparecem em diversos momentos da narrativa de *Dom Casmurro*).

Dado o contexto social, político e econômico, foram apresentadas breves considerações sobre possibilidades de obter sucesso social na sociedade reproduzida na metaficção. De acordo com os elementos textuais e com o que se sabe a respeito das possibilidades de uma mulher ascender socialmente com sucesso no século XIX, no Brasil imperial, observou-se que Capitu conseguiu desempenhar o seu papel social de mulher com extraordinária consciência e competência.

Não posso deixar de destacar que nem todos que ascendem socialmente realizam essa tarefa sem pisotear sentimentos alheios. Aliás, será que ascender socialmente é mesmo o caminho da felicidade? E, no fim das contas, todos os sentimentos pisoteados de pessoas usadas como instrumentos compensam o desejo infantil de obtenção de felicidade mediante acúmulo de recursos?

Por outro lado, Bento Santiago, menino criado sem a presença de uma figura paterna e orientado para ser padre, não conseguia, durante seus anos de juventude, desempenhar o papel social de um homem que viria a ter uma esposa e uma família. Se por um lado, Capitu tinha consciência de suas limitações e de seus poderes, por outro, Bento Santiago não possuía consciência alguma sobre a dinâmica social da qual era parte – o descontrole emocional e os ciúmes ilustram bem esse ponto.

Capitu não era só uma mulher em corpo, charme e beleza, mas mulher em suas atitudes e maneiras de se orientar no mundo. Mulher de todos os lados, tal como um palíndromo - exemplo de beleza e simetria. Sendo tão rara a ocorrência natural de palíndromos na natureza, será que Bento Santiago não excedeu toda a sua sorte ao apenas encontrar a moça com olhos de cigana oblíqua e dissimulada na loteria da vida? Será que depois de tamanha sorte, não haveria apenas de suceder acontecimentos menos felizes, tal como o sonho em que Pádua chorava ao contemplar o palíndromo no bilhete de loteria?

Durante o funeral de Escobar, quando Bento Santiago esqueceu tudo ao seu redor e se concentrou nos olhos de Capitu, que contemplava o defunto, será que o sentimento de desejo, que Bento Santiago desconfiou ter observado nos olhos de sua esposa, não seria uma ilusão ótica, tal como ocorre no Efeito Troxler?

Muitos estudiosos tentam descaracterizar o relato de Bento Santiago, por se tratar de um relato de eventos traumáticos, de um narrador que se esvai em reminiscências, que podem estar limitadas em detalhes devido ao humor do narrador fictício ou sua fictícia memória. Acredito que esse caminho não é o correto, pois a

vítima de um trauma deve ser ouvida, além de que, quem fala através de Bento Santiago é o próprio Machado de Assis com toda sua experiência literária e filosófica.

Os ciúmes podem possuir uma origem ligada ao desejo de fazer aquilo que se projeta no outro. Como se pode ver através das passagens citadas da obra, Bento Santiago se sentiu, de certa forma, atraído, em algum momento, por Capitu, por seu amigo Escobar e por Sancha – revelando essa atração pela contemplação dos braços dos três.

Uma última consideração em relação se ela traiu ou não consiste no desenvolvimento do filho de Capitu e Bento Santiago: seria normal que a criança se desenvolvesse e viesse a adquirir a aparência, os gestos e o raciocínio do pai, da mãe, ou de algum ascendente. Mas, do amigo?

O adultério é um tema muito sensível à sociedade brasileira, cuja moral difere tanto dos costumes. Em se tratando de uma narrativa de reminiscências, na qual um homem se esvai em memórias voluntárias e involuntárias sobre amor, decepção e traição, se Machado de Assis não respondeu, diretamente, se Capitu traiu ou não, é porque ele gostaria que o leitor analisasse as referências utilizadas e continuasse a ficção dentro de sua mente – evidenciando o caráter transdisciplinar da literatura, capaz de fazer dialogar conhecimentos tão diversos.

Seguindo a chave de leitura do conto *O espelho* (1882), será que Bento Santiago, ao olhar os olhos de Capitu enquanto esta observava Escobar morto, conseguiu enxergar a alma que olha de dentro para fora, Capitu em sua intimidade, ou será que ele viu apenas um reflexo de seus ciúmes projetados em sua amada?

#### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

AZEVEDO, Aluizio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Garnier, 1890.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Sem olhos, **Jornal das Famílias**, N° 2: p.41-49, Rio de Janeiro, 1877.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O espelho In. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1882, p. 241-257.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.